

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15397 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT25 – Educação e Povos Indígenas

SÁBIOS DO POVO BARÉ: OS ANCIÃOS DA ESCOLA INDÍGENA MUNICIPAL PURANGA PISASÚ, NO RIO CUIEIRAS, MANAUS, AMAZONAS

Silvanira Gomes de Matos - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Joarlison Garrido Melo - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Célia Aparecida Bettiol - FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

SÁBIOS DO POVO BARÉ: OS ANCIÃOS DA ESCOLA INDÍGENA MUNICIPAL PURANGA PISASÚ, NO RIO CUIEIRAS, MANAUS, AMAZONAS

RESUMO: Sábios ou Anciãos Indígenas são sujeitos que precisam aparecer nas pesquisas e discussões no campo acadêmico. Cada aldeia ou comunidade são representados pelos anciãos que trazem consigo a alteridade, a concepção cosmológica, criam formas de vida, convivem com a natureza e a utilizam de maneira sábia. São eles que detém o poder de cura, ajudam a organizar seus clãs e línguas, vitalizando a educação indígena. No âmbito da educação escolar indígena a importância dos anciãos tem sido destacada nas ações pedagógicas e essa afirmação é defendida pelos professores e lideranças indígenas. Nesse texto, apresentamos resultados preliminares da pesquisa em andamento, que visa saber em que medida os anciãos participam das práticas educativas dos professores na escola indígena municipal Puranga Pisasú. A pesquisa pauta-se na abordagem qualitativa e de cunho etnográfico. Os instrumentos utilizados nesse processo foram a observação direta, entrevistas narrativas e uso do diário de campo.

Palavras-Chave: Anciãos Baré. Educação indígena. Educação escolar indígena.

INTRODUÇÃO

O estudo em andamento faz parte de uma pesquisa de mestrado no programa de pós graduação em educação da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Trata-se de um ensaio de apresentação dos anciãos do povo Baré, da aldeia Pisasú Sarusawa, localizada no rio Cuieiras, distante à 80 km da cidade de Manaus. A pesquisa visa analisar em que medida os anciãos participam das práticas educativas dos professores indígenas na escola indígena municipal Puranga Pisasú.

Na busca para tentarmos compreender por que os anciãos são especialistas de saberes tradicionais, se faz necessário conhecer como se manifesta o saber dos anciãos e o conceito de especialistas de saberes tradicionais. Para tanto, recorremos a teoria dos intelectuais indígenas como Rezende (2013) que nos afirma:

Como são produzidos os saberes? São produzidos por todas as pessoas, mas principalmente pelos pajés, mestres de cantos/danças e demais benzedores. Eles possuem inteligência e sentidos apurados para conhecerem o mundo material e imaterial. Por isso dizemos que existem os saberes materiais práticos e os saberes imateriais práticos. Os nossos avós aprofundavam seus conhecimentos do mundo das pessoas, do universo, das florestas, dos rios e outras vidas. (Rezende, 2013 p. 203).

Sobre a importância deles na educação formal o professor indígena Kambeba, (2022) enfatiza:

Quando se fala em educação escolar indígena, devemos pensar primeiro na educação indígena, para, depois, pensar em educação escolar indígena, os anciãos são referência

para a educação escolar indígena [...] já imaginou ter uma escola, ou espaço de estudo, onde não valoriza seu ancião? [...] eles são professores dos professores. Não tem como fazer educação sem os nossos anciãos, sem nossos idosos que estão ali e são nossa biblioteca viva. Portanto, os anciãos são nossa referência. (Kambeba, 2022 p. 3).

Assim, os anciãos possuem conhecimentos importantes no processo de fortalecimento dos saberes tradicionais de seu povo, sendo que a presença deles na educação escolar pode constituir caminhos para um diálogo intercultural e de fortalecimento identitário.

METODOLOGIA

O estudo utiliza a pesquisa qualitativa, configurando-se como uma pesquisa etnográfica, fundamentada no pensamento de Geertz (1999) que descreve a inserção do pesquisador no ambiente pesquisado como a comunidade e a escola. O exercício da etnografia não é apenas selecionar os sujeitos e transcrever as entrevistas e textos e sim exige do pesquisador um esforço intelectual que o autor denomina de “descrição densa”. Para análise dos dados adotamos a hermenêutica por estar muito ligada à filosofia da linguagem e um modo de entender e considerar a realidade. (Gadamer, 1997). Os instrumentos adotados foram as observações participantes, entrevistas narrativas, uso do diário de campo e outros registros. O local da pesquisa é a Escola Indígena Municipal Puranga Pisasú, situada na aldeia Pisasú Sarusawa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os anciãos são evidenciados por Cardoso (2017) como produtores do discurso ancestral. Por meio das narrativas de crenças nos encantados, como a curupira, que na cosmovisão dos anciãos indígenas é um ser que protege a natureza. Dessa crença emerge ensinamentos de cunho pedagógico, cultural e político.

Para melhor compreensão da epistemologia indígena Baré, apresentaremos os anciãos que fazem parte deste estudo e com trechos das falas registradas nas entrevistas narrativas.

Kunhã Surí: (mulher alegre) 73 anos: **Crença:** Foi parteira por muitos anos, diz que já perdeu a conta de quantas crianças ajudou a trazer a esse mundo. Contou sobre a primeira menstruação da irmã que ficava isolada e não compreendia “Aí só sei que passou não sei quantos dias, aí ela tomava só mingau que a mãe levava pra ela, mingauzinho de farinha sem sal e suco.

Piranga (Vermelha) 71 anos: **Língua materna:** A anciã relatou que falava o nheengatú, até mais ou menos quando tinha 12 anos, deixou de falar pela imposição sofrida na escola salesiana que frequentou na cidade de Santa Isabel do Rio Negro. “a missão salesiana achava que a língua materna estava atrapalhando o nosso estudo da escola. Aí fomos proibidos de falar [...] enfim, foi esse impedimento deles não continuar mais falando”.

Mutuca (Inseto) 63 anos: **O respeito a natureza:** “entrei e não pedi licença da natureza, veio aquela voz pra que eu acordasse e corresse porque tinha alguém me perseguindo, quando cheguei na canoa me embrenhei pro igapó, olha se a natureza não me avisasse? Quem que me salvou? A água, porque se não tivesse água a curupira tinha me alcançado, eu agradei a mãe natureza. Por isso é muito importante a gente sempre lembrar que hoje a gente não exerce mais essas funções [...] se entrou no meu território tem que pedir licença, se você pede licença nada vai acontecer com você”.

Mirá Yuka (Pau podre) 65 anos: **Cultura e língua:** “Aqui, a gente faz cultura da gente, primeiro, a gente vai pescar chega, faz o girau, a gente assa o peixe, aí a gente faz o

beijú, eu não faço, quem faz aqui são as mulheres. Como aquele beijú na fumaça, ela é toda branca, junto com o tucupi e coloca a pimenta dentro, por uns 20 minutos.”Eu falo nheengatú e consigo dialogar. Algumas palavras eu escrevo, eu fiz até a segunda série porque a gente ia trabalhar em roça, capinar, plantar, fazer farinha e pescar.

Em uma análise preliminar, podemos perceber que esses anciãos, remetem aos seus conhecimentos ancestrais de cuidado com a saúde e com a natureza como forma de bem viver e garantir a existência do seu povo. Outros dados da pesquisa, ainda em andamento, apontam que a valorização desses anciãos pela aldeia tem possibilitado resistir às imposições da sociedade envolvente e até mesmo dos currículos homogeneizadores, muitas vezes impostos às escolas indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados preliminares indicam que os anciãos são considerados os especialistas de saberes tracionais e detentores do discurso ancestral, sendo que este estudo busca elucidar em que medida eles participam das práticas educativas dos professores na escola indígena municipal Puranga Pisasú. A pesquisa também aponta que a produção de conhecimentos acadêmicos sobre estes agentes sociais ainda é muito escassa, podendo constituir um campo de riquezas simbólicas, culturais e de conhecimentos a ser desvendado cientificamente.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ytanajé Coelho. **Os últimos falantes da língua munduruku do Amazonas: Habitus, Dialogismo e invenção cultural no campo discursivo**. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Letra e Artes da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, 2017.

KAMBEBA, Raimundo (Gestor da Escola Indígena Kanata T-Ykua). **Fala proferida na I Roda de Conversa com os Anciãos Indígenas**. Relatório sobre o evento. Organização: Santos Glademir e Matos, Silvanira. Gerência de Educação Escolar Indígena-GEEI-Semed- Manaus, 2022.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução: de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. IS. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

REZENDE, J. S. **Ciências e saberes tradicionais**. Revista Tellus, v. 13, n.25, p. 201-213, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/338>. Acesso em: 25 out. 2022.